

RELAMPAGO

QUINZENARIO SCIENTIFICO, LITTERARIO E RECREATIVO

COLLABORADORES

Albano Coelho; Arthur Soares; Augusto Peixoto; Azevedo Coutinho; Bertha Lima (D.); Braulio Caldas; Domingos Tarrozo; Eduardo Cunha; Faria Junior; Fernando Coelho; Gonçalo Sampaio; João Belzebut; João Dias; José Parreira; Pereira Caldas; Tito Manlio; Vicente Novaes, etc., etc.

CHARADISTAS

Augusto Infante; G. Caetano; Heitor Servadae; José Velloso; Lirio Roixo; M. J. G. Ribeiro; Pequeno Antoninho; Xavier Rodrigues, etc., etc.

SUMMARIO :

Os combates no circo—*Azevedo Coutinho*; Vições (poesia)—*Domingos Tarrozo*; A trança—*Albano Coelho*; Sonhando (poesia)—*Gonçalo Sampaio*; Aquelle anel (poesia)—*Faria Junior*; João de Deus—*Augusto Peixoto*; O Mergulhador (poesia)—*João Belzebut*; Esboço (poesia)—*Jacintho Parreira*; Ridendo—*K.*; Horas d'ocio—*diversos*; Expediente.

Os combates no circo

Era este um espectáculo sobremodo attrahente para os habitantes da antiga Roma, a cidade dos cezares e dos imperadores.

O circo, essa immensa area rodeada de barreiras, denominada tambem arena, era o lugar em que se davam as scenas mais revoltantes de feroz carnificina, que o povo romano applaudia, ebrio de entusiasmo.

O primeiro circo que se levantou em Roma, foi mandado construir pelo rei etrusco Tarquinio, o Velho, entre os montes Aventino e Palatino, dirigindo o proprio rei a construcção.

Em principio foram os espectáculos celebrados em honra de Jupiter, Diana e Saturno, fazendo assim parte do culto idolatra. Eram então sacrificados sobre um altar, levantado na arena, animaes e, não poucas vezes, um *bestiario*, nome que davam a esses infelizes que tinham por destino o combater com as feras.

O combate dos gladiadores era uma das paixões mais barbaras e dominantes do povo romano, que applaudia phreneticamente estes espectáculos, quanto mais sanguinolentos elles eram. Quando no tempo do baixo imperio, o povo fazia ouvir os seus murmúrios, pouco tranquillizadores, bastava um d'estes espectáculos favoritos para que immediatamente emmudecesse. Isto fez com que fossem depois empregados como arma politica de poderoso alcance, que os imperadores souberam habilmente manejar.

O Colyseu, esse monumento descommunal, levantado sobre os destroços do palacio de Nero, e dos vastos jardins que o circumdavam, e mandado edificar por Vespasiano, concluido por seu filho Tito, foi um dos circos em que se deram mais horrorosas barbaridades, e correu em jorros abundantissimos o sangue das victimas innocentes.

As luctas mortaes de homens contra homens e d'estes contra feras, attingiram um grau de crueldade tal, que até horrorisa o recordar-se. Nenhum dos gladiadores e *bestiarios* devia sobreviver na lucta, não sendo que o povo soberano o consentisse, levantando, como signal de salvação, os dedos polegares. Os espectadores, porém, eram quasi sempre insensíveis, e os seus applausos estrepitosos misturavam-se com os rugidos das feras, o choque das armas e os ais afflictivos dos feridos.

Mas a ambição do povo romano exigia ainda maior barbaridade, e, para satisfazer-lh'a, foram arrastados á arena milhares de christãos, que, resignados, esperavam, sem opporem resistencia, que as feras, soltas das jaulas, os devorassem com furor!

E, da sua tribuna, os imperadores romanos assistiam as estas scenas de sangue, com que conseguiam escurecer aos olhos do povo, os crimes que praticavam.

Azevedo Coutinho.

Visões

Na bruma do passado ainda te vejo agora!
Trazes soltos ao vento os teus cabellos d'ouro
e estendes para mim os labios côr d'aurora.

Beijaste-me e tremi, celeste archanjo loiro,
porque cheguei a crer que a minha face adusta
podesse macular-te, oh meu ideal thesoiro!

Ninguem sinta jámais a dôr de quanto custa
ouvir um—*nunca mais*—sumir a imagem sécia
d'onde nos vinha a luz d'uma afeição augusta!

E vejo-a!... Faz lembrar a tragica Lucrecia
no rosto seductor, na fôrma deslumbrante,
sahida, como um deus, das purpuras da Grecia.

A mão alabastrina, o seio palpitante,
os olhos côr do céu e cheios de bondade...
E' ella!—como a vi no derradeiro instante!

Escuto-a... na voz a mesma suavidade,
o mesmo olhar... sorri e cae sobre o meu seio!...
Nem sei como soffer o doloroso anceo,
—bemdita seja sempre a dôr da saudade!

Domingos Tarrozo.

A trança

I

Olha, Martha, vou deixar-te. Vou amanhã para férias...

—Oh! vais deixar-me, Anselmo?! Leva-me contigo, leva...

—Podésse eu, filha, podésse eu levar-te, para me poupar ás saudades que hão-de ralar-me o peito.

E seguiu-se um beijo e outro e outro.

—Mas tu não me esqueces, não?

—Esquecer-te? tolinha! Poderei eu acaso esquecer-me nunca de ti, que és o objecto dos meus sonhos e das minhas vigílias?

—Eu sei lá. Os homens... os homens...

—Os homens! pobres diabos! O que elles querem é amor. E tu amas-me, não é assim?

—Oh se é. Sabe-o Deus e eu.

—Pois bem, eu juro-te que te não esquecerei.

Mas vou pedir-te uma cousa: fazes-m'a?

—Que não farei eu que tu não queiras, filho?

—Has-de dar-me uma trançinha do teu cabelo. Quero beijal-a sempre que me lembres, quero tel-a guardada dentro do seio como reliquia do nosso amor. Fazes-me isso?

Dito e feito. Martha indicou ao seu Romeu a hora em que no dia seguinte poderia fallar-lhe e entregar-lhe a trança antes de partir para férias.

Anselmo compareceu com a pontualidade d'um namoro fiel. Feitas as mais commoventes despedidas, partiu, no expresso do meio dia, fitando saudoso a cidade onde deixava a ametade do seu coração, e beijando quasi a choramingar a trança sedosa que guardava no seio.

II

Emquanto o trem—pula-catrapula—fugia que desaparecia, Anselmo pregava os olhos nas nuvens que redemoinhavam, e pensava na profundidade do seu amor e na lealdade de Martha.

Que de recordações gratissimas! que poema de emoções amorosas! que epopeia sublime delineada ao som doce dos beijos e no encantador captivo dos abraços!

Era seductora de carinhos aquella mulher.

Os seus beijos eram quentes e aromaticos: titilavam cá dentro, e faziam commoção em todas as cordas sensiveis...

Nunca poderia esquecel-a, não. Era impossivel. Amava-a loucamente.

E enquanto assim pensava, osculava repetidas vezes a trança que lhe parecia embalsamada com aromas do ceu, apertava-a contra o peito, e segredava n'um arroubamento delicioso:

—Ah, Martha, Martha! Nunca te esquecerei, nunca pertencerei a outra mulher. O teu amor faz desde agora parte integrante da minha existencia!

E a locomotiva—pula-catrapula—fugia que desaparecia, voava fumegante e feroz, respirando soffregamente e sibilando como uma enorme serpente enraivecida.

III

Subitamente, Anselmo abre a bocca estarecido.
—Que é isto?

E cospe fóra, cheio de nojo.

Mira que remira... e cospe fóra novamente.

Sente que as tripas se lhe embrulham, conhece que os vomitos lhe sobem á garganta, e... zás: arremessa a trança pela portinhóla fóra.

—E eu a beijal-a!...—gemia elle dando um geito de enojado aos labios e arrebitando o nariz.

Chegado a casa, Anselmo foi á botica da terra, comprou uma droga qualquer, e enviou-a á sua bella, para que a misturasse com azeite e untasse a cabeça.

E' que no meio d'aquelles cabellos sedosos que beijara com tanto ardor, encontrára... encontrára —oh decepção!—encontrára uma lendea, a semente d'um pilho!...

Braga, maio de 86.

Albano Coelho.

Sonhando

Do ideal pela esphera luminosa
vagueias recendente de alegria
architectando em sonhos côr de rosa
os castellos da tua phantasia.

Da vida como vives descuidosa
nunca o pranto em teus olhos se desfia,
nem de magoa n'essa alma radiosa
se projecta uma sombra fugidia.

Vaes assim deslisando mansamente
á flôr d'uma suavissima torrente
de gosos, de illusões, de poesia.

Ah, dorme. sonha, virginal creança,
que eu tambem sonho alimentando a esperança
louca, bem louca de alcançar-te um dia.

Gonçalo Sampaio.

Aquelle annel

M.

O annel que me deste d'oiro
Aquelle annel de brilhantes,
E' para mim um thesoiro
Como a prosa de Cervantes.

E eu em troca—rosea flôr,
Dei-te o meu coração;
Como a avesinha ao Senhor
Offerta sua canção.

Em um certo dia bello
Uma trança de cabelo
Das tuas mãos recebi;

Mas tudo isso Maria
De bom grado trocaria
Por um só beijo — houri.

Braga, 86.

Faria Junior.

João de Deus

Era eu ainda muito creança e sentia já por João de Deus uma sympathia intima, um culto fervoroso.

Fantasiava-o não bem um ente sobrenatural, mas pelo menos um ser que tivesse por convívio as musas e que vivesse n'um mundo desconhecido, todo ideal, todo amor.

Ao ler os seus versos, em que cada palavra exhala o perfume inebriante do mais puro lyrismo, a minha alma de creança sorria de gôso, o meu cerebro revolvava-se em meditações profundas e os meus olhos cravavam-se, ao acaso, no azul da atmosphera limpido e immaculado. Annos depois tive a ventura de lhe fallar.

O poeta habitava uma casa proxima á Praça do Principe Real.

Era d'inverno, e as arvores da Praça erguiam para o ar os seus braços despidos de folhagem, o sol caia em fusão d'oiro sobre os telhados empilhados da casaria e o repuxó, no lago, elevava a grande altura, o seu penacho crystallino que caia em chuva d'aljôfares sobre a superficie, em tom de perola da agua, descrevendo em seguida circulos concentricos que se esvahiavam depois em ondulações caprichosas.

Ao passo que subia o predio em que o poeta habitava, o coração batia-me apressado. Mas não julguem que eu esperava encontrar lá no cimo da escada um paraíso, um lugar encantado e delicioso em que o poeta estivesse rodeado de nymphas que lhe tangessem umas canções d'amor, uns hymnos celicos e que elle se dirigisse a mim na linguagem incomprehensivel e mysteriosa dos deuses! Não!

Era este inexplicavel receio que sente um pygmeu ao abordar um colosso!

Entrei n'um gabinete e ahí fallei ao divino lyrico.

Elle lá ficou então conversando commigo n'aquella sua voz tão amiga e os meus olhos poderam vêr então bem de perto aquelle rosto, um pouco pallido e frio, d'uma harmonia de linhas captivante—em que se reflecte o quer que seja da bondade de Hugo, o sublime avô de Jeanne—emmoldurado em farta barba preta com fios de perolas a apparecerem aqui e acolá.

E fallava commigo despretenciosamente, do seu «Methodo» alheio quasi do valor d'elle; dos versos que colleccionava para um novo volume, e dizendome que, ao contrario do que se julgava, lhe era custoso fazer uma poesia!

Havia n'aquella sua fronte altiva, envolta já n'uma aureola de gloria, uns laivos d'uma tristeza de cenobita, uma certa melancolia sentimental que lhe dava o ar concentrado d'um homem com a alma talhada só para o Bem, só para o Bello.

Este contemporaneo illustre—o primeiro lyrico portuguez, o auctor d'aquelle «Methodo» que tem ensinado a lêr a maioria da infancia d'hoje, é abandonado cruamente, esquecido em tudo pelos governos, talvez por não frequentar os gabinetes dos ministros!

Como te devemos ter asco, ó misera politica, quando praticas obras d'esta natureza!

Mas se os governos o devotaram ao ostracismo,

em compensação João de Deus tem, no coração do povo, um culto ardente, e todas as mães lhe dedicam inconscientemente quasi uma parcella do seu amor.

Esplendida compensação que o deve ufanar e encher de jubilo.

Lisboa.

Augusto Peixoto.

O Mergulhador

(De Henri Murger)

Querendo ter a trança ornada d'uma estrella,
Chamou uma rainha um búzio dedicado
E disse-lhe:—Da Ondina ao paço emmaranhado
Irás para trazer-me a perola mais bella!—

Debalde furiosa a onda s'encapella;
O búzio se arremessa ao pelago salgado,
E á rama do coral, no fundo seu doirado,
A perola arrancou, que trouxe logo a ella!

Tambem como esse búzio, o trovador, senhora,
Se rindo lhe pedir que seja celebrada
Essa belleza ideal, que em vós se vê e adora;

Servo mais que obediente, em sua alma inspirada,
Do rico e lindo estojo da rima seductora
Mergulhando—trará a joia desejada.

Braga.

João Belzebut.

Esboco

a Albano Coelho

Tem nas linhas do perfil, meigo e bello,
Onde fulgura suave olhar,
Emmoldurado no louro cabello
A doce expressão que faz recordar,

As sublimes telas de Raphael.
Tem o requebro d'uma andaluza.
Diante d'essa linda pomba, sem fel,
Fica extasiada a bôa Musa.

Quando ella passa veem á lembrança
Bellas lendas ouvidas em creança
Dos ridentes contos orientaes;

E' que ella—timida violeta
Lembra a mui candida Julieta,
Envolta n'um bom manto de crystaes.

Braga, 86.

Jacinto Parreira.

Ridendo...

Entre dois ebrios:

—Parece-me que o tempo refrescou?

—Oh! é bem feliz o tempo! Se eu pudesse fazer
outro tanto!

K.

HORAS D'OCIO

Charadas

Offerecida aos collaboradores da secção charadistica do «Relampago»

Venham bravos generaes
Com toda a sua valentia,
Que não matam a charada,
Pois é mera *utopia*.—2

A força de combater,
O invisivel inimigo;
Hão-de, mais tarde, saber,
Que é bem certo o que digo.—2

Reuni, pois, vossas forças,
P'ra frente e não trepidar;
Eu vou-lhes dar o conceito
P'ra a poderem desvendar:

E' scientifico o todo,
Da charada em questão;
Descreve certas proezas
De tempos que já lá vão.

Vizeu.

Acasto.

A minha diva é mui bella
E por ser assim chamada,
Incumbiu-me de fazer
Esta parte da charada.—2

E depois com certa graça
Impossivel de escrever,
Movendo os róseos labios
Começou isto a fazer.—2

Depois da charada finda
Vi então que ajoelhava,
E com as *contas* na mão
A Deus perdão implorava.

Castello Branco.

Xavier Rodrigues.

(Conimbricense)

Ao distincto charadista e amigo A. A. Infante

Na primeira vertical
Temos *diva* de tentar;
Na segunda vertical
Um pronome mui vulgar.

Na primeira horisontal
Temos decerto cortante,
Na segunda horisontal
Se accieita a todo instante.

Na primeira diagonal
De *Sansão* foi mui amada,
Na segunda diagonal,
Temos decerto entrada.

Vianna.

R. Pereira.

Charadas em acrostico

a José Parreira

Planta ferida é planta. - 2-3
A's direitas e ás avessas magoam. - 2
Repara para o Tejo que encontras um tabellião. - 2-2
Resgatar este elemento é tornar a vel-o. - 2-1
E' para eu escrever na aldeia esta meza. - 2-2
Isto come-se, come-se e come-se. - 2-1
Reparei na teia e vi um novilho. - 1-2
A's direitas e ás avessas golpe d'arma. - 4

Braga, 86.

Heitor Servadac.

E' grande a doença d'esta mulher—1—2.
Em casa o assucar é doce—1—2.
Aperta a ave este tecido—2—2.

Lisboa.

F. T. Xavier Marques.

Electricas

A's direitas para pescar; as avessas herva—2
A's direitas animal; ás avessas na procição—2
A's direitas devoção; ás avessas conjunção—2

Castello Branco.

R. de Miranda.

Enigma acrostico

Ao meu amigo Manoel R. Miranda

E' nome proprio .u.i.o.
E' nome proprio .b.l.o.
E' nome proprio .a.i.l.
E' nome proprio .s.d.o.
E' nome proprio .h.a.o.
E' nome proprio .e.m.s.

M. F. C. G.

Decifração das charadas do n.º 3

1.^a—Molhelha—2.^a—Fechadura—3.^a—Decifrador—4.^a—Cherubim.

Decifraram a 3.^a charada a premio os snrs. Lirio Roixo, A. Infante e G. Caetano.

Coube o premio ao 1.^o d'estes cavalheiros. Da 1.^a não appareceram decifradores.

EXPEDIENTE

Pedimos aos nossos bondosos assignantes, que se acham ainda em debito, a fineza de mandarem satisfazer as suas assignaturas.

Os originaes sejam ou não publicados não se devolvem.

Braga—Typ. de Sá Pereira—1886.